



# mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV  
Jornada  
EBP-MG  
{fora de série}

## A relação sexual não existe, o amor sim!

**Débora Marques Herold**

Em “mais, ainda”, Seminário livro 20, na lição IV, Lacan diz que é preciso naquele ano, 1973, articular o que está ali como pivô de tudo que se instituiu pela experiência analítica: o amor. Ele também afirma que todo mundo sabe com certeza que jamais aconteceu o “nós dois somos um só”, embora a concepção que se tenha do amor parta desse tipo de unificação. Trata-se da maneira mais grosseira de dar à relação sexual o seu significado: dois fazendo um. Lacan a esse propósito evoca o amor proposto por Freud, um amor que não faz ninguém sair de si mesmo, o amor narcísico, o amor pelo próprio eu (a-a’), como aparece no esquema óptico apresentado no estádio do espelho. Em Freud, toda concepção do amor também procura mostrar que o amor é repetição. Quando amamos, segundo a teoria freudiana não fazemos mais que repetir, pois encontrar o objeto é sempre reencontrá-lo, já que todo objeto de amor é substitutivo de algum objeto fundamental, impedido pelo incesto.

Pode haver um amor pelo outro? A boa nova lacaniana é que existem novos amores possíveis. Miller, no seu seminário “Logicas de la vida amorosa”, escreve que o amor lacaniano é o amor invenção. Inventar o amor é dar a ele um novo sentido? É mais claro o sentido do amor quando ele está articulado, por exemplo, às religiões, um amor que ocupa um lugar privilegiado, um amor que não é o amor pelo próprio eu mas que também não é um amor pelo outro, trata-se aqui de um amor pelo Outro. Na transferência também se veicula esse sentido para o amor, especialmente no momento da entrada em análise. O sujeito ama segundo as condições pré estabelecidas pelo Pai, ama segundo as condições do Nome do Pai. Fajnwaks em “El nuevo amor: Otro amor”, esclarece que o Pai não impede ou desautoriza as contingências, mas que o Nome do Pai determina nessas contingências quais objetos podem ser amados. Ou seja, o amor sempre o mesmo, segundo as ordens do Pai.

No seu último ensino, quando Lacan introduz a perspectiva de “um novo amor”, passa-se de uma formulação quadripartite (os dois parceiros, o NP e a significação fálica) a uma estrutura binária

(na qual os parceiros podem ocupar o lugar de parceiros na conversa amorosa). O NP, na amarração quadripartite do encontro amoroso coloca o amor em um lugar já conhecido, complementar e lhe dá sua garantia. Na estrutura binária, essa validação do Pai é colocada em questão, somos lançados para a perspectiva do sinthoma, com a qual uma análise procurará manter a contingência do encontro, dando lugar a um amor que não pede reciprocidade como complemento do ser falante.

O A barrado é vazio, no lugar de descobrir, pode-se inventar. Não há mais necessidade de saber o porquê! Inventar o amor é não dar a ele um sentido! No final de uma análise, quando acontece o descobrimento de que não há Outro do Outro, não há Outro, isso dá lugar à invenção. O amor definido como uma conexão entre dois saberes permitindo que cada parceiro sustente suas amarrações é o que Fajnwaks nos apresenta. Os dois como dois, e não mais dois que fazem um, o consentimento com a distância infinita que existe entre dois seres falantes.

Da rotina do significado (NP) – presente nos amores avalizados pela ordem paterna - à contingência do significante (para além do Pai) , temos os amores fluidos, tão presentes em vários encontros dos nossos dias. Porém, no novo amor a que se pode aceder ao longo de uma análise, há uma fluidez diferente dessa que se tem tornado comum hoje, inclusive porque ela é incomum, de cada um(a), a ser inventada a cada vez.

### **Referencias Bibliográficas:**

Jacques, Lacan. *Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Miller, Jacques-Alain. *Lógicas de la vida amorosa*. Buenos Aires, Manantial, 2015.

Fajnwaks, Fabian. *El nuevo amor: Outro amor*.

([www.puntodefugarevista.com/el-nuevo-amor-otro-amor](http://www.puntodefugarevista.com/el-nuevo-amor-otro-amor))